

# **TEOLOGIA PRÁTICA: A FRONTEIRA ENTRE A TEOLOGIA ACADÊMICA E A PRÁTICA DA FÉ**

PRACTICAL THEOLOGY: THE BOUNDARY  
BETWEEN ACADEMIC THEOLOGY AND THE  
PRACTICE OF FAITH

TEOLOGÍA PRÁCTICA: LA FRONTERA ENTRE LA  
TEOLOGÍA ACADÉMICA Y LA PRÁCTICA DE LA  
FE

**Carlos Cunha**

Professor adjunto e coordenador de pesquisa no Instituto de Filosofia e Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), onde atua na graduação e no Programa de Pós-Graduação Profissional em Teologia Prática. Doutor e mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), com estágio pós-doutoral na mesma instituição, onde sua tese recebeu Menção Honrosa no Prêmio CAPES de Tese 2016. Coordena o grupo de pesquisa Teologia e Contemporaneidade (PUC Minas/CNPq) e integra o grupo Fé e Contemporaneidade (FAJE/CNPq). Suas pesquisas concentram-se em teologia pública, pensamento complexo e transdisciplinar, e teologia de fronteira e decolonial.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1981-7120>

E-mail: [carloscunha@pucminas.br](mailto:carloscunha@pucminas.br)

Recebido em 28 de junho de 2025  
Aprovado em 05 de outubro de 2025

---

## **RESUMO**

O objetivo deste artigo consiste em propor a fronteira teologal como um lugar e tempo oportunos para a tarefa prática da teologia cristã. Para isso, apresentamos, em linhas gerais, a elaboração da teologia prática na América Latina a partir do encontro com as teologias da libertação. Indicamos o processo de encontro da teologia prática, protestante, com a teologia pastoral, católica, e os desdobramentos conceituais e de tarefa. Problematicamos o desequilíbrio entre a teologia acadêmica

e a prática da fé em busca de uma sabedoria teológica comprometida com ações transformadoras (práxis). O método da pesquisa é marcado pelo intercâmbio entre a leitura bibliográfica sobre teologia prática na América Latina e a experiência prática do autor como docente e assessor junto a comunidades de fé católicas e protestantes no Brasil. A conclusão é que a fronteira teologal, mais do que um lugar, é, também, um tempo novo para refletir sobre a pertinência da prática teológica.

**Palavras-chave:** teologia prática; teologia pastoral; práxis; fronteira teologal; América Latina.

## ABSTRACT

The objective of this article is to propose the theological boundary as an opportune place and time for the practical task of Christian theology. To this end, we present, in general terms, the development of practical theology in Latin America from the encounter with liberation theologies. We indicate the process of encounter between Protestant practical theology and Catholic pastoral theology, and the conceptual and task developments. We problematize the imbalance between academic theology and the practice of faith in search of a theological wisdom committed to transformative actions (praxis). The research method is marked by an exchange between bibliographical reading on practical theology in Latin America and the author's practical experience as a professor and advisor in Catholic and Protestant faith communities in Brazil. The conclusion is that the theological boundary, more than a place, is also a new time to reflect on the relevance of theological practice.

**Keywords:** practical theology; pastoral theology; praxis; theological boundary; Latin America.

## RESUMEN

El objetivo de este artículo consiste en proponer la frontera teologal como un lugar y un tiempo oportunos para la tarea práctica de la teología cristiana. Para ello, presentamos, en líneas generales, la elaboración de la teología práctica en América Latina a partir del encuentro con las teologías de la liberación. Indicamos el proceso de encuentro entre la teología práctica, protestante, y la teología pastoral, católica, así como sus desarrollos conceptuales y operativos. Problematicamos el desequilibrio entre la teología académica y la práctica de la fe en la búsqueda de una sabiduría teológica comprometida con acciones transformadoras (praxis). El método de investigación se caracteriza por el intercambio entre la revisión bibliográfica sobre teología práctica en América Latina y la experiencia práctica del autor como docente y asesor en comunidades de fe católicas y protestantes en Brasil. La conclusión es que la frontera teologal, más que un lugar, es también un tiempo nuevo para reflexionar sobre la pertinencia de la práctica teológica.

**Palabras clave:** teología práctica; teología pastoral; praxis; frontera teologal; América Latina.

## Introdução

A teologia prática tem se desenvolvido na América Latina de modo peculiar. Ela ecoa, de modo próprio, a origem da expressão, como disciplina, pensada no contexto

teológico da Alemanha, do século XIX: promover uma articulação coerente entre a teologia acadêmica e a experiência prática da fé. Na realidade latino-americana, especificamente no Brasil, a teologia prática encontra nas teologias da libertação categorias conceituais e de natureza política capazes de interpelar a dimensão transformadora da própria tarefa teológica.

Na fronteira desse encontro, eclodem espaços e um tempo oportuno para repensar a prática da teologia cristã. As experiências concretas da vida se somam às elucubrações acadêmicas em prol de uma sabedoria teológica capaz de dialogar com o mundo atual. A teologia prática feita na fronteira entre a experiência da fé e a produção acadêmica acolhe, ressignifica e propõe ações transformadoras capazes de: aprofundar a espiritualidade encarnada, fortalecendo a relação entre o Sagrado e o cotidiano da existência; incluir as culturas marginalizadas e silenciadas, dando-lhes vez e voz como expressões legítimas de fé; denunciar injustiças, mobilizar consciências e inspirar práticas comprometidas com a realidade ecossocial.

O texto a seguir, de forma inconclusa, propõe, no âmbito da teologia prática, a “fronteira teologal” como uma busca de práticas teológicas e religiosas com o rosto latino-americano. O contexto da proposta é a realidade brasileira. O itinerário da reflexão consiste em um olhar panorâmico sobre o encontro da teologia prática com a teologia pastoral para esclarecer conceitos, propostas e tarefas dessas teologias. Na seção seguinte, problematizamos o descompasso entre a teologia acadêmica e a vivência da fé. E, por fim, explicamos a ideia da fronteira teologal. Não se trata de apresentar a fronteira como um espaço capaz de solucionar todas as dificuldades em torno da expressão teologia prática. O que se almeja é um apontamento introdutório que pode se somar aos estudos sobre a teologia prática em diálogo com as ciências e os saberes.

A participação qualificada no diálogo transdisciplinar exige que delimitemos com precisão a área da teologia prática e que nela realizemos investigações aprofundadas e relevantes para que a teologia cristã apresente ao mundo a sua própria palavra por meio de ações humanizadoras.

## **Teologia prática e teologia pastoral: encontros no contexto latino-americano**

A pluralidade cultural e o intenso hibridismo religioso da América Latina favorecem um cenário singular para a conceituação e a tarefa da teologia prática. Soma-se a este contexto o desenvolvimento da teologia da libertação, com os seus desdobramentos, protagonizando as vítimas dos sistemas colonialistas. Por ser constitutivamente prática, comprometida com o amor e o serviço, em primeiro lugar, a teologia da libertação reforça a tarefa prática da teologia, dando-lhe a fundamentação teórica necessária. Neste sentido, a teologia prática, sob forte influência da teologia da libertação, passa a ter no contexto latino-americano contornos próprios provenientes da aproximação com as pastorais sociais e de fronteira.

Historicamente, teologia prática e teologia pastoral fizeram, cada uma a seu modo, a sua própria caminhada. A primeira, sob a orientação de Friedrich D. F. Schleiermacher (1768-1834), no protestantismo da Alemanha do século XIX, se viu

desafiada a “estabelecer uma relação adequada entre a teologia acadêmica e a prática da fé” (Hoch, 1998, p. 24). O descompasso entre a teologia estudada na universidade e a vivência dela na realidade das comunidades de fé eclodiu em uma disciplina na Faculdade de Teologia da Universidade de Berlim com o objetivo de fazer com que a própria teologia resgatasse a “sua mais genuína vocação: de ser teologia prática” (Hoch, 1998, p. 25). Desde então, teologia prática passou a ser uma expressão comum “na discussão científica internacional e se refere ao conjunto das disciplinas teológicas que buscam a avaliação crítica, a fundamentação teórica e o planejamento da prática cristã” (Schneider-Harpprecht, 1998, p.16).

Já a teologia pastoral, expressão comum na tradição católica, mas também presente no protestantismo como atividade ministerial centrada na figura do pastor (Hoch, 2008, p. 975), nasceu como uma disciplina autônoma nas faculdades de teologia católica do século XVIII. A teologia pastoral, chamada também de “teologia prática”, era entendida como ensino da profissão dos pastores. Com o tempo, a especificidade da teologia pastoral como “ciência a respeito das ações diretas da Igreja” (Szentmártoni, 2004, p. 11) foi cedendo lugar para uma compreensão mais ampla, não com a tarefa de “encontrar a possibilidade de realizar formas precisas da vida eclesial, mas permitir uma reação adequada da Igreja com referência ao mundo contemporâneo” (Szentmártoni, 2004, p. 15). Sob a influência da categoria “práxis”, da teologia da libertação dos anos 1970 e 1980, Casiano Floristan entende teologia prática como ação pastoral: “toda teologia, pelo menos remotamente, deveria ser pastoral, mas em todo caso há uma teologia imediatamente prática que usa precisamente a ‘razão prática’ como uma mediação de reflexão” (Floristan, 1998, p. 10).

No ambiente acadêmico latino-americano e sob a orientação ecumênica, teologia prática e teologia pastoral se intercambiam. Na década de 90 do século XX, os integrantes do Departamento de Teologia Prática da Escola Superior de Teologia (EST), hoje Faculdades EST, reuniram em um livro textos sobre os conteúdos básicos da teologia prática. A obra continua sendo uma referência sobre o tema.<sup>1</sup> O padre jesuíta João Batista Libanio (1932-2014) escreveu a apresentação do livro prognosticando a dificuldade em torno da definição da expressão e, consequentemente, da sua tarefa: “A teologia prática faz a ponte entre a pastoral e a teologia, entre teoria e prática, permitindo um ir e vir fecundo. Toda ponte tem dificuldade de definir-se. Sofre a tentação de aproximar-se ora mais de uma margem, ora de outra” (Libanio, 1998, p. 10)

Mesmo ciente do risco da indistinção conceitual, o livro organizado pela EST mostra como o diálogo teológico entre protestantes e católicos contribui para a compreensão da teologia prática, “como a disciplina à qual cabe intermediar o diálogo e a reflexão entre a teoria teológica (teologia) e a prática da Igreja (pastoral)” (Greinacher apud Hoch, 1998, p. 28). Enquanto disciplina, ela “mantém viva a consciência de que é precisamente essa dialética entre teoria e prática, espírito e corpo, entre fé e ação que engendra uma metodologia e uma práxis cristã

---

<sup>1</sup> Em 2011, o livro foi atualizado e ampliado em uma nova edição e com a participação do professor Roberto Zwetsch. Cf. Harpprecht, Teologia prática no contexto da América Latina.

legítimas, que participam da ação de Deus na história rumo à implantação do seu Reino” (Hoch, 1998, p. 73).

Ainda no ambiente acadêmico da teologia na América Latina, o Seminário Internacional Permanente de Pesquisa em Teologias das Práticas Pastorais oferece contribuições sobre a temática. O Seminário é fruto de cooperação científica celebrado em 2012 entre a Pontifícia Universidade Católica do Chile (Santiago, Chile) e o Institut Catholique de Paris (França), gradualmente estendido para Heythrop College (Londres, Reino Unido), em 2013, e para a Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte, Brasil), em 2014 (Moog, 2016, p. 5). O evento inaugurou o primeiro encontro em Santiago, Chile, 2012, adotando o nome “Grupo de Santiago”. O Grupo reúne, de forma interdisciplinar e multicultural, teólogas e teólogos de nove países, principalmente da América Latina e da Europa. A sua proposta consiste em superar

[...] uma teologia pastoral concebida como ciência de aplicação ou uma teologia prática pensada como praxeologia em direção a uma teologia fundamental das práticas eclesiais, ou teologia das práticas pastorais. Por isso, os membros do Grupo de Santiago consideram que a teologia prática não pode ser considerada uma especialidade marginal da teologia, mas constitui uma orientação fundamental de toda teologia (Moog, 2016, p. 5).

Com o objetivo de manter a prática como fundamento de toda teologia e, ao mesmo tempo, evitar as indistinções entre as terminologias “prática” e “pastoral”, a Pontifícia Universidad Javeriana, na perspectiva do Grupo de Santiago e inspirada na teologia de J. Comblin (1923-2011), propõe uma “Teologia da Ação Humana”. Este projeto teológico está ancorado “no reconhecimento da ação humana como um lugar teológico original”, expandindo as fronteiras da teologia pastoral entendida “como ação eclesial no mundo”, e da teologia prática “como explicitação das implicações práticas das elaborações teóricas dos exegetas e da sistemática” (Hernández, 2016, p. 251). Não se trata de uma teologia prática porque a expressão reforça o reducionismo do termo “prática” às “teorizações bíblicas e sistemáticas ou para aplicar à vida e às suas circunstâncias a teoria anterior que foi elaborada fora delas, ou a difusão comunicativa de certas doutrinas teológicas” (Mora, 2013, p. 157-158), nem é teologia pastoral “porque a teologização da ação é mais ampla, mais abrangente e urgente por causa do pleno valor e significado da atividade humana no desígnio da revelação e da salvação” (Mora, 2013, p. 157-158).

As ramificações das teologias, protestante e católica, na América Latina, dão significados amplos às expressões teologia prática e teologia pastoral. Diante da diversidade conceitual, há aqueles que optam pelo caminho mais simples de colocar sob a mesma chancela as terminologias “prática” e “pastoral” como um único esforço em prol da tarefa prática/pastoral da teologia. Já outros, como a teóloga estadunidense Bonnie J. Miller-McLemore - referência nos estudos sobre a teologia prática -, entendem que negligenciar as diferenças entre os termos acaba por empobrecer a riqueza histórica e teológica em torno das teologias prática e pastoral. Enraizada no ambiente da teologia protestante dos Estados Unidos, mas não limitada somente a ele, Miller-McLemore afirma que:

O emprego desses termos para designar um único empreendimento ofusca uma das contribuições distintivas da teologia prática como aquela disciplina que é a mais preocupada

em mediar e integrar o conhecimento dentro da educação teológica e entre seminário, congregação e sociedade. Também perdemos de vista os recursos distintivos da teologia pastoral do século XX desenvolvida nos Estados Unidos em rigorosa conversação com a teoria psicanalítica e psicologia modernas (Miller-McLemore, 2016, p. 215).

Para Miller-McLemore, teologia prática e teologia pastoral são projetos acadêmicos diferentes. A própria multiestratificação das expressões assinala para a importância do discernimento cuidadoso. “Enquanto a teologia prática é integrativa, preocupada com questões mais amplas do ministério, discipulado e formação, a teologia pastoral está centrada nas pessoas e no *páthos* (sofrimento, afeto)” (Miller-McLemore, 2016, p. 215-216). Sem desmerecer o valor de uma ou de outra, teologia prática e teologia pastoral trocam experiências e conceitos que emergem da atividade teológico-pastoral de dentro da Igreja (*ad intra*) e na sua relação com a sociedade (*ad extra*).

A assimilação histórica, cultural, eclesial e acadêmica deu à expressão teologia prática notoriedade internacional. Enquanto área de conhecimento, ela exerce a função crítica sobre a relação entre o discurso teológico e a prática da fé. A teologia prática problematiza a incoerência proveniente do descompasso das afirmações teológicas que não encontram na concretude da vida a confirmação da sua veracidade prática (Rahner, 1972, p. 104). É mérito da teologia prática “levar a teologia para as ruas e de usar o que aprendeu de suas saídas para avaliar a adequação de afirmações bíblicas, históricas e doutrinárias” (Miller-McLemore, 2016, p. 223).

A teologia prática não é só uma disciplina acadêmica. Ela encontra na teologia pastoral uma parceira que acentua ainda mais o quanto a tarefa prática marca a natureza fundante e estruturante da inteligência da fé cristã. A elasticidade da expressão teologia prática pode ser verificada no modo como Miller-McLemore aplica as suas múltiplas atividades: 1) “uma atividade de pessoas crentes que procuram sustentar uma vida de fé reflexiva no dia a dia” (Miller-McLemore, 2016, p. 218), 2) um referencial modular capaz de “analisar a teologia na prática usado por líderes religiosos e por docentes e estudantes em todo o currículo teológico” (Miller-McLemore, 2016, p. 218), 3) “uma área curricular na educação teológica focada na prática ministerial e subespecialidades” (Miller-McLemore, 2016, p. 218) e 4) uma disciplina acadêmica que, sustentada nas três primeiras atividades, fomenta pesquisas científicas. Para Miller-McLemore, cada atividade da teologia prática aponta para espaços distintos entre as Igrejas, a sociedade civil e o ambiente acadêmico. As quatro compreensões sugeridas por ela “estão conectadas e são interdependentes, não são mutuamente excludentes e refletem o alcance e a complexidade da teologia prática hoje” (Miller-McLemore, 2016, p. 218).

## Teologia acadêmica e a prática da fé

Afirmamos que o contraditório entre a teoria teológica estudada na universidade e a prática teológica do fiel “leigo” inaugurou o empreendimento sobre a teologia prática. A teologia acadêmica anda muito distante da teologia vivida no dia a dia das Igrejas, com as suas mais diversas manifestações: no sermão pregado no púlpito, nos cânticos entoados em cultos e missas, na administração eclesial, no aconselhamento pastoral, no exercício da diaconia e outras. O distanciamento se

manifesta na compreensão e apreensão das verdades da fé. Ora muito teóricas e pouco práticas na academia e espaços especializados, ora muito práticas e pouco reflexivas nas Igrejas e lugares de ação cristã.

Nessa aparente dicotomia, teoria/prática, é importante que se diga: primeiro, “o abstrato não exclui o concreto; antes, possibilita nele apreender a sua riqueza e complexidade não apreensíveis num primeiro olhar” (Drawin, 2022, p. 138). É no interior da relação dialética que a distinção entre abstrato e concreto deve ser feita. Portanto, não se deve polarizar a relação entre a teoria abstrata e a prática concreta porque são elementos de uma única ação. Segundo, não há julgamento de valor entre a teologia feita na academia e aquela exercida nos ministérios das Igrejas. Teologia acadêmica e teologia ministerial se complementam. O leigo e a leiga da comunidade de fé “são o tipo de todo fiel (também teólogo), que, crendo na simplicidade de seu coração, se torna discípulo do Espírito, que lhe faz conhecer o sentido da vida” (Boff, 1998, p. 151) de maneira tão profunda quanto o maior teólogo ou teóloga. Terceiro, o movimento pendular entre a teorização teológica, na academia, e o pragmatismo da fé, nas Igrejas, nem sempre é preciso. Há tendências, mas não um padrão fixo. Carl Nitzsch, sucessor de Schleiermacher, ao distinguir a grande área da teologia da teologia prática, assinalou a correlação entre reflexão e ação: “a teologia é uma ciência para a práxis (*scientia ad praxin*) enquanto a teologia prática é a ciência da práxis (*scientia praxeos*)” (Schröer apud Hoch, 1998, p. 66).

A teologia da cruz (*theologia crucis*, em latim), de Martinho Lutero (1483-1546), é uma das contribuições mais significativas para a fundamentação da teologia prática. Ela contrasta com algumas teologias especulativas, centradas na razão ou na especulação e na negação do exercício prático da teologia. Para Lutero, especulação religiosa é teologia da glória. No debate de Heidelberg (1518), Lutero contrapõe à teologia especulativa (da glória) com a teologia da cruz, mostrando o quanto esta não pode ser compreendida como mero objeto do labor teológico, mas como o seu elemento constitutivo. “Teologia da cruz não é capítulo da teologia, mas é uma determinada maneira de fazer teologia” (Loewenich, 1988, p. 14). E como tal, a cruz interpela a inteligência da fé a mostrar a sua relevância prática, concreta, vinculada ao seguimento de Jesus Cristo (Lutero, 1987, p. 55-198).

Mesmo que Lutero tenha sido crítico às teologias especulativas, não podemos negar o fato de que no conjunto das teologias de alguns sistemáticos, a relação entre a reflexão teológica e a vivência concreta da fé está presente. Tomás de Aquino (1225-1274), por exemplo, afirmava que a teologia deveria levar à contemplação e à caridade. “A vida perfeita consiste em contemplar e transmitir aos outros o que se contemplou (*Contemplari et contemplata aliis tradere*)” (Aquino, 2006, p. 744). Na visão tomista, a teologia não é apenas um exercício intelectual, mas uma contemplação da verdade divina que desemboca em ações concretas, especialmente no ensino e na caridade (amor em ação).

De Lutero e Aquino à contemporaneidade, teólogos católicos e protestantes enfatizam a importância do exercício prático da teologia. A título de ilustração, cito alguns nomes relevantes de cada tradição: Henri de Lubac (1896-1991), Karl Rahner (1904-1984) e Gustavo Gutiérrez (1928-2024), da teologia católica e, Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), Paul Tillich (1886-1965) e Jürgen Moltmann (1926-2024), da teologia protestante. Infelizmente, a história da teologia cristã não deu a devida

atenção às teologias elaboradas por mulheres. Não poderia deixar de citar aqui algumas teólogas que também contribuíram para pensar a importância da teologia prática. Do catolicismo: Ada María Isasi-Díaz (1943-2012), Elizabeth Johnson (1941) e Ivone Gebara (1944). Já do protestantismo: Letty M. Russell (1929-2007), Delores S. Williams (1937-2022) e Mercy Amba Oduyoye (1934) aparecem como referências. Mesmo com tantas e tantos representantes de uma teologia com consciência prática, ainda permanece o desconforto de uma teologia acadêmica cada vez mais distante da prática da fé no cotidiano da vida.

## **O descompasso entre a teologia acadêmica e a vivência da fé: o contexto brasileiro**

As faculdades de teologia se fizeram presentes desde o surgimento das primeiras universidades no mundo. A presença da teologia na universidade é marcada por tensões. Pesa sobre ela o estigma da vinculação com as Igrejas e, principalmente, a concepção medieval de que as ciências são servas da teologia (*ancilla theologiae*). A teologia perde o seu trono na modernidade racionalista. Sem se contextualizar e impossibilitada de dialogar com a ciência moderna, a teologia foi exilada para as margens do pensamento acadêmico (Duquoc, 2006). A teologia não compartilhava do novo método científico, que partia da experiência verificável, para estudar os fenômenos. Sem se apoiar na racionalidade da experiência, ela se mostrava desabilitada e sem competência para tratar de assuntos científicos. O discurso da fé foi relegado “ao mundo da infância da humanidade e das pessoas. A idade adulta da razão considera-a definitivamente superada como toda possível fé em Deus” (Libanio; Murad, 2001, p. 84).

A partir da revolução paradigmática na ciência moderna, a experiência científica foi acusada de suspeita hermenêutica e ideológica, mostrando os limites e equívocos da ciência positivista. Com a nova compreensão de ciência, proveniente “dos diversos saberes, das diferentes maneiras de conduzir o próprio método, de pautar seu rigor teórico e de fazer parte de uma comunidade científica como expressão moderna de ciência” (Libanio; Murad, 2001, p. 88), a teologia sai do exílio e encontra lugar na universidade contemporânea.

“No Brasil, um dos países mais tardios na organização das universidades, a teologia sempre ficou distante do universo acadêmico reconhecido como tal” (Mendonça, 1996, p. 139). O motivo de tal situação se dava pelo desprezo da teologia como ciência e, principalmente, pelo desprezo da própria religião vista como superstição pelas classes dirigentes. A aversão só não era maior quando as elites brasileiras instrumentalizavam a religião e a teologia para atender aos mecanismos de controle das massas e “como instituição reprodutiva das próprias elites por meio do sistema educativo das Igrejas” (Mendonça, 1996, p. 139).

Com a mudança do campo religioso, a teologia se viu desafiada a superar uma teologia de gueto rumo a uma teologia envolvida com a produção acadêmica. A própria teologia ensejava esse desafio. A cidadania acadêmica da teologia no Brasil se deu em 1999 com o seu reconhecimento legal pelo Ministério da Educação (MEC) e, conseqüentemente, sua inserção no rol das ciências modernas. Com a legitimidade acadêmica da teologia vieram as ambiguidades epistemológicas relacionadas a seu

papel na sociedade, na universidade e na Igreja.<sup>2</sup> O impasse entre a ação pastoral e a erudição teológica passou a ser um desafio permanente.

O efervescer religioso brasileiro, apontado pelas pesquisas de análise quantitativa, demonstra o impacto da religião no país. Os novos dados do Censo 2022, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que as religiões e espiritualidades no Brasil são múltiplas e variadas. Elas são difusas pelo país, em diversos espaços, e é muito difícil quantificá-las de modo satisfatório. As pesquisas apontam tendências de um movimento religioso intenso. “Com quase 580 mil estabelecimentos religiosos espalhados por todo o país, é seguro dizer que o Brasil é uma terra com muitos marcos sagrados” (Fernandes, 2024).

O cristianismo, nas vertentes católica e evangélica, é a maior religião do país. A reboque, os cursos de teologia cristã se proliferam no Brasil para atender a uma demanda de formação, mas também de doutrinação. A oficialização do curso de teologia em 1999 é só mais um momento na longa história da formação teológica brasileira. As escolas bíblicas dominicais protestantes, os cursos de formação catequética e presbiteral (católicos) e de discipulado e pastoral (evangélicos) se somam aos cursos livres de teologia nas paróquias, nas igrejas evangélicas, nos centros de formação e cultura e nos institutos teológicos. O cenário é tão complexo quanto as linhas teológicas adotadas por esses lugares.<sup>3</sup>

Será que a teologia acadêmica, reconhecida oficialmente como conhecimento científico, afastou-se da prática de fé das comunidades cristãs? Será que ela perdeu o seu viés prático e se deixou seduzir pelas formulações e conceitos especulativos, se tornando uma área intelectualizada e estéril? A teologia encontra, fundamentalmente, na prática da fé o caminho para a atualização da sua palavra. Sem esse húmus tão necessário para o labor teológico, como pretender uma teologia significativa para a contemporaneidade?

Essas perguntas reforçam o mal-estar que deu razão à elaboração da teologia prática já percebido por Schleiermacher, no século XIX, como já vimos. No Brasil, a situação se complica quando esbarra na falsa ideia de que, para muitos grupos cristãos, estudar teologia, na faculdade, é sinônimo de “perder a fé”. Para alguns, a racionalização da fé significa o enquadramento de Deus numa filosofia humana e o abandono da vida cristã. Essas falácias reproduzem outras como: “teologia esfria o

---

<sup>2</sup> O MEC quando, no momento do julgamento de mérito dos cursos teológicos, define teologia como: “todo discurso religioso institucionalizado na forma de curso vem a ser teologia”. Ao fazer esta definição, o MEC confunde teologia com ciência das religiões na elaboração das premissas construídas a partir da epistemologia das ciências humanas, ou de uma compreensão de ciências humanas que, exatamente por serem externas à teologia e não considerarem suas especificidades, podem ferir seu estatuto ao colocá-la no lugar comum das ciências humanas (cf. Cunha, 2016, p. 356-357).

<sup>3</sup> Apesar de não se ter efetuado pesquisa de campo para fundamentar as informações do parágrafo, a experiência do autor como docente e pesquisador nesses espaços por quase 30 anos reforça a ideia. Além disso, o contato com colegas docentes e estudantes desses espaços também respaldam o que a experiência como professor havia constatado. No entanto, apesar dessa constatação, a alegação ainda se constitui uma intuição a ser referendada ou não por uma pesquisa de campo adequada.

cristão”, “teologia desvia”, “feliz é o cristão que nunca se encontrou com um(a) teólogo(a)” e outras.

No Brasil, há alguns movimentos religiosos que reforçam esses equívocos. Por exemplo, Edir Macedo, pastor fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), escreveu, em 1993, um livreto intitulado *A libertação da Teologia*. O texto de Macedo é marcado por aversão à teologia. Segundo ele, “a teologia transforma os seguidores de Cristo em católicos, evangélicos, carismáticos, pentecostais, tradicionais, renovados, reavivados, ortodoxos etc. Que desgraça!” (Macedo, 1993, p. 5). Macedo sugere que a teologia promove a divisão das igrejas e completa: “todas as formas de todos os ramos da teologia são fúteis. Não passam de emaranhados de ideias que nada dizem ao inculto [...]. Nada acrescentam à fé; nada fazem pelo homem, sendo talvez aumentar sua capacidade de discutir e discordar” (Macedo, 1993, p. 5). E para concluir, Macedo pergunta de forma retórica: “Quem desviou o Cristianismo dos seus princípios nos primeiros séculos? Acaso não foram os teólogos?” (Macedo, 1993, p. 6). O fundador da IURD representa uma parcela de líderes religiosos no Brasil que, sem uma formação teológica adequada, despreza o estudo da teologia e condena a sua comunidade de fé ao infantilismo e à falta de senso crítico. Com o pretexto de preservar o estado de alienação, pessoal e da comunidade, esse tipo de liderança semeia falsas informações.

Diferente do radicalismo de Macedo, há também no Brasil muitos cursos de teologia para o laicato católico e evangélico. Paróquias e igrejas investem na formação teológica dos fiéis, oferecendo teologia aplicada às necessidades pontuais das comunidades e para o crescimento do cristão. Impossível mensurar o número de espaços assim no país. O que se constata, por experiência, é que pessoas que fizeram cursos livres de teologia, ao entrarem numa faculdade de teologia reconhecida pelo MEC, podem propiciar um ambiente favorável para a construção de uma teologia prática proveniente da vivência da fé. Parte dessa interação foi potencializada pelo método ver-julgar-agir, aplicado não só na elaboração conceitual dos dados da fé, mas também na pastoral, “valorizando muito a reflexão feita no âmbito popular, a partir dos grupos nos quais a escuta da Palavra de Deus e a escuta do que acontecia na vida eram praticadas” (Mori, s.d.).

A dupla hermenêutica, da Palavra e da vivência diária, parece ser fundamental para uma teologia que almeja a palavra “prática” associada à sua natureza. O processo sinodal do pontificado de Francisco, para além da Igreja Católica, inspira a teologia a fomentar esforços de inclusão entre “a academia, o meio popular, os/as agentes de pastoral, os/as teólogos/as profissionais” em uma “atitude de escuta e enriquecimento mútuos” (Mori, s.d.). O frei carmelita Carlos Mesters emerge nesse cenário como inspiração de uma exegese popular entre “o pré-texto da realidade, o *com-texto* da comunidade e o texto da Bíblia” (Mesters, 1983, p. 53). A novidade de Mesters consiste em “operar uma síntese entre a contribuição da ciência (a exegese e a teologia), a orientação secular da Igreja e a novidade hermenêutica gerada no meio dos pobres e oprimidos de hoje” (Bernardi; Júnior, 2023, p. 44). O frei, com formação acadêmica, encontra na realidade sofrida do povo pobre o caminho para uma teologia prática, legitimada no campo da vida e da história.

O descompasso entre a teologia acadêmica e a vivência da fé está na negação do espaço fronteiriço entre as realidades que se retroalimentam. Pensá-las de forma

disjuntiva acaba por polarizar tendências academicistas, de uma parte, e pragmáticas, de outra. A fronteira, como espaço conjuntivo entre a teologia profissional e a teologia popular, é um interstício repleto de potencialidade para a tarefa prática da teologia.

## Teologia prática na fronteira

O prefixo “trans” ganha uma conotação significativa nos dias de hoje. Fala-se de transmoderno, transcultural, transdisciplinar, transumano, transgênero e tantas outras possibilidades, com realce na ideia daquilo que está para além de alguma coisa. No campo da transdisciplinaridade, por exemplo, “trans” “diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina” (Nicolescu, 1999, p. 35). A aplicação do termo é interessante porque assinala para a possibilidade de ultrapassar as fronteiras das disciplinas e de ousar transitar por elas. Não se nega o que há, mas se tem a consciência de que há novos horizontes a serem explorados nos espaços fronteira das disciplinas. Os termos associados a “trans”: “entre”, “através” e “além” sugerem isso. A mesma lógica de novas descobertas se impõe sobre a modernidade, as culturas, o humano e as questões de gênero. Só para ficar nos exemplos citados.

A transversalidade pressupõe a fronteira como caminho de encontros e desencontros que permeia a complexidade da vida. De forma poética, Mia Couto (1995) enxerga a fronteira como o lugar ideal para romper com a inércia, o medo do diferente, e adentrar novos conhecimentos, novas experiências, uma visão mais ampla do mundo e do humano. Segundo ele, o “nosso pensamento, como toda a entidade viva, nasce para se vestir de fronteiras [...]” (Couto, 2014) e acrescenta afirmando que “[...] essas fronteiras da natureza não servem apenas para fechar. Todas as membranas orgânicas são entidades vivas e permeáveis. São fronteiras feitas para, ao mesmo tempo, delimitar e negociar. O ‘dentro’ e o ‘fora’ trocam-se por turnos” (Couto, 2014).

Fronteira aqui não é limite, mas é ambiente de mobilidade, andança, no qual se permitem encontros com o novo e o diferente. No âmbito transcultural, as regiões fronteiriças propiciam a construção de identidades porque favorecem a articulação de diferenças culturais num movimento de deslocamento e sobreposição de diferenças. Os “entre-lugares” (Bhabha, 2012, p. 20) são terrenos de diálogos e encontros, para uma vivência aberta à interação entre os dialogantes, possibilitando assim o deslocamento dos seus próprios lugares enunciativos para um lugar em que emerge a novidade. “As identidades/centros são revistos, reconstruídos e criticados desde a margem [...]” (Souza, 2014, p. 111). O diálogo se dá “nos interstícios do próprio sujeito, em suas pluralidades e fronteiras internas, em seu processo de construção humana, com suas várias e tensas máscaras” (Souza, 2014, p. 111).

A fronteira parece ser um espaço provocador para a prática da teologia. Uma teologia que almeja mostrar a sua relevância na contemporaneidade é interpelada a se desinstalar dos seus lugares acomodados e desbravar caminhos de novidade. No tempo, marcado por agudos problemas, sinais de esperança e profundas contradições, a busca por uma teologia prática consistente se intensifica e percorre caminhos múltiplos. Do espaço fronteira, novos lugares para a prática teológica

emergem, desafiando a fé cristã a testemunhar ao mundo o valor propositivo do evangelho de Jesus Cristo.

## A fronteira para além do *locus theologicus*

Na história da teologia cristã, o conceito de *locus theologicus* (“lugar teológico”) encontra em Filipe Melanchthon (1497-1560) e em Melchor Cano (1509-1560) duas das principais referências. Tanto no protestantismo de Melanchthon quanto no catolicismo de Cano, a preocupação com o *locus* do fazer teológico continua inspirando a construção de uma teologia cristã para a atualidade. As elaborações teológicas desses dois pensadores possuem as suas próprias especificidades, divergentes em alguns momentos, mas convergentes quando colocam a Sagrada Escritura como primazia no fazer teológico.<sup>4</sup> Os lugares teológicos por excelência são aqueles que emergem da leitura e aplicação dos textos sagrados.

Tanto Melanchthon quanto Cano, em contextos distintos, se viam interpelados pelas demandas da sua época a pensarem a teologia de forma criativa. Novos e desafiadores problemas obrigavam a teologia a explorar territórios ainda não navegados. A determinação dos lugares teológicos se tornou fundamental em um momento histórico marcado por profunda transformação cultural, social e eclesial. O surgimento de novas temáticas pedia da Igreja e dos teólogos um conhecimento prático e pastoral, geralmente com implicações ético-morais.

Com os desafios impostos pela modernidade e pós-modernidade, o *locus theologicus* passa por resignificação. Não só visto como fonte (Melanchthon e Cano), mas, sobretudo, como lugar para o empreendimento teológico. Tal percepção foi possível graças às viradas sofridas pela teologia. Com as mudanças antropológica e hermenêutica, a inteligência da fé sai de uma concepção epistemológica, centrada no mundo objetivo do sujeito, para uma percepção ontológica, sensível ao mundo subjetivo dele. A teologia, marcada por novas concepções antropológicas, é hermenêutica. Entender e compreender são operações derivadas, que remetem à compreensão originária que constitui o ser do humano.

Na América Latina, sob o impacto da teologia da libertação, o lugar teológico é compreendido “como lugar social: o mundo dos pobres e dos oprimidos como lugar privilegiado da revelação e, conseqüentemente, da fé (práxis teológicas) e de sua inteligência (teoria teológica)” (Aquino, 2010, p. 452). O lugar teológico é mais do que fonte. É uma “realidade histórica na qual se crê que Deus e Cristo continuam fazendo-se presentes; por isso é lugar teológico antes que lugar teológico e lugar a partir do qual se podem reler mais adequadamente os textos do passado” (Sobrinho apud Aquino, 2010, p. 453).

Eugenio Rivas avança na discussão e intui que o “tempo teológico”, hoje, tem força de significado maior que o “lugar teológico”:

É fundamentalmente uma intuição continuar falando de “lugar teológico” de uma perspectiva mais prática e mais apropriada a um discurso teológico de natureza hermenêutica. A intuição

---

<sup>4</sup> Para um estudo mais elaborado do modo como cada teólogo entende e aplica o *locus theologicus*, veja: 1) Melanchthon, Filipe. *Loci theologici: tópicos teológicos*, de 1521. São Leopoldo: Sinodal, 2018. 2) Cano, Melchor. *De locis Theologicis Libri duodecim*. Salmanticae, 1563.

fundamental é que a categoria “tempo teológico” é mais adaptada à linguagem dos sinais dos tempos; permite-nos superar algumas dicotomias como fonte-meios, revelação-presente histórico, texto do passado-texto de hoje etc., e é mais dinâmico e respeitoso da história como “processos” através dos quais Deus se torna presente e fala. [...] Com o tempo teológico, não se quer provar ou defender, mas mostrar como o evangelho é pensável e viável neste mundo. Em um sistema de lugares, o trabalho teológico é introduzir um não-lugar. No termo lugar teológico, a teologia já está feita, o tempo teológico nos abre para uma teologia a ser feita, o tempo teológico é o que nos faz falar teologicamente [...] (Rivas, 2018, p. 26).

## A fronteira teologal

A diversidade de compreensão do *locus theologicus* como fonte da teologia (Filipe Melanchthon e Melchor Cano), lugar social (Ignacio Ellacuría e Jon Sobrino), lugar teologal (Aquino Junior) e tempo teológico (Eugenio Rivas) abre um leque de aplicação da expressão à luz da realidade do contexto. No âmbito da teologia prática, sugerimos a categoria “fronteira teologal” como uma busca de práticas teológicas e religiosas com o rosto latino-americano. Acolhe-se os nossos modos de acolher a fé nas diversas expressões religiosas e de espiritualidade. Redescobre-se o pensamento e o posicionamento de fronteira, dando vez e voz aos saberes subalternizados pelos empreendimentos colonialistas. O futuro da teologia prática na América Latina está em articular “perspectivas religiosas e teológicas de minorias importantes, das mulheres, dos negros e indígenas” (Schneider-Harpprecht, 1998, p. 323).

Paul Tillich (1886-1965), “teólogo da fronteira”, afirmava que “a fronteira é o melhor lugar para a aquisição de conhecimento” (Tillich, 1966a, p. 13). Na teologia tillichiana, o interstício entre as culturas, religiões e saberes favorece encontros. A sua vida e a sua obra testificam que estar no espaço fronteiriço significa “estar entre os mundos, entre os tempos, estar em tensão e em movimento, pensar não em monólogos, mas em diálogo” (Cunha, 2016, p. 188). O método da correlação, utilizado por Tillich, tem sentido quando a fronteira entre a religião e a cultura secular oportuniza novidade para uma teologia que tem o que dizer ao tempo presente (Answering Theology). A existência na fronteira é uma “travessia e retorno, uma repetição de retorno e travessia, um vai-e-vem, cujo objetivo é criar uma terceira área além dos limites territoriais, uma área onde se pode permanecer por um tempo sem ser encerrado em algo hermeticamente limitado” (Tillich, 1966b, p. 53).

Com o pensamento decolonial, proveniente das ciências sociais críticas, a fronteira, mais do que um ambiente propício para encontros, passa a ser também um espaço contestador. Situar-se às margens da existência, de toda criação, é entrar em contato com as “vítimas da história” (Sobrino, 2000). Neste cenário, a fronteira é habitada por povos e culturas subalternizados, empobrecidos e silenciados pelos mecanismos colonialistas impostos pela modernidade. Por trás daquilo que convencionalmente ficou conhecido como “modernidade”, do discurso da salvação, do progresso, da modernização e do bem comum está a lógica colonial encoberta impondo o controle, a dominação e a exploração (cf. Quijano, 2005; Dussel, 1993).

Nos espaços fronteiriços eclode uma epistemologia capaz de interpelar os mecanismos hegemônicos e, ao mesmo tempo, dar voz à pluralidade de saberes diversos. Para Walter Mignolo, esses espaços demandam a decolonização e ela só será possível por meio da desobediência epistêmica. “Toda mudança de

descolonização política [...] deve suscitar uma desobediência política e epistêmica. [...] sem desobediência epistêmica permanecerá presa em jogos controlados pela teoria política e pela economia política eurocêntricas” (Mignolo, 2008, p. 287). A nova episteme surge da ousadia de romper com a lógica da dominação - do ser, saber e poder -, e, a partir de dentro das fronteiras, propor ao mundo uma nova gramática (Mignolo, 2015, p. 180). A articulação entre os saberes nos espaços fronteiriços é condição de possibilidade para novas elaborações da teologia prática.

Uma teologia que almeja uma prática efetiva não pode negar a percepção de um mundo epistemologicamente diverso. A categoria proposta por Maria Menezes e Boaventura de Sousa Santos, epistemologias do sul, assinala para a importância do reconhecimento das diversas epistemes e como estas denunciam os instrumentos da negação e o silenciamento das culturas subalternizadas. O termo “sul”, agregado às epistemologias, tem conotação metafórica como “campo de desafios epistêmicos” que, ao mesmo tempo, denuncia a supressão dos saberes e revela o ganho das diversas formas de pensar, ser e agir (Menezes; Santos, 2010, p. 19). Uma teologia prática, da América Latina, “mundo do silêncio, da opressão, da dependência, da exploração, da violência exercida pelas classes dominantes sobre as classes oprimidas” (Freire, 1981, p. 102), precisa assumir a sua origem e história, apresentando à teologia cristã a pertinência da ação do seguimento de Jesus em uma realidade marcada profundamente pela violência da colonização.

A fronteira teologal, mais do que um lugar, é, também, um tempo novo para refletir sobre a pertinência da prática teológica. As análises de conjuntura são úteis quando abarcam a complexidade do tempo presente. Por trás das demandas políticas, sociais e econômicas escondem-se anseios subjetivos e existenciais que necessitam de um olhar atento da teologia. As expressões religiosas na América Latina carregam uma epistemologia marcada pela experiência, pelos afetos e pelas dimensões espirituais do cotidiano, aspectos muitas vezes negados e estigmatizados pela teologia hegemônica. Será que as teologias que anseiam por libertação, além das mediações socioeconômicas, contemplam também os apelos da psique humana e da sexualidade? E sobre o drama ecológico que afeta a todos nós, como a teologia em diálogo com a ecologia (ecoteologia) pode realçar e descortinar esperanças, alternativas viáveis, para um projeto de sustentabilidade em um mundo em busca de progresso e desenvolvimento? Poderíamos ainda citar os desafios impostos pela integração do ser humano com a máquina (transumanismo) ou o impacto da internet sobre as interações humanas ou a fusão do mundo físico com o digital (figital), enfim, são múltiplas provocações fronteiriças para repensar a prática da teologia.

## **Teologia e práxis: sentidos da ação transformadora**

“Práxis” é um conceito que vem do grego (πράξις) e o seu significado vai para além da ação ou prática. Ele tem sentidos mais profundos. Práxis não é um impulso qualquer; um agir inconsciente. Práxis é a ação consciente e transformadora. Para Aristóteles, por exemplo, práxis, ação voltada para a vida ética e política, é ação em si, sem outro fim que não a própria ação boa. “A sabedoria prática deve ser, então, uma capacidade verdadeira e raciocinada de agir no que diz respeito às ações relacionadas com os bens humanos” (Aristóteles, 2007, p. 133). Na esteira do pensamento prático, consciente e transformador, Marx, Engels, Gramsci e outros

entendiam a práxis, guiada pela reflexão crítica sobre a realidade, voltada para a transformação do mundo. Nas *Teses sobre Feuerbach*, Marx e Engels, de forma precisa, afirmam: “Os filósofos só interpretaram o mundo de diferentes maneiras; do que se trata é de transformá-lo” (Marx; Engels, 1998, p. 103). Já no contexto da América Latina, a pedagogia libertadora de Paulo Freire faz da práxis o resultado da relação cíclica entre a prática e a reflexão para a transformação social. Na Pedagogia do oprimido, por exemplo, práxis é um conceito central. “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos” (Freire, 1987, p. 16).

Como síntese, podemos afirmar que práxis é ação consciente e crítica com a intenção de transformação. A teologia prática encontra na categoria “práxis” inspiração ou uma força criativa para o seu labor. Ela, assim como a teologia da libertação, “é uma teologia da práxis, uma vez que tem uma dupla relação, teórica e prática, com a práxis” (Floristan, 1988, p. 187). “A práxis se define por ação humana que, carregada de inteligência, transforma a realidade” (Libanio, 2008, p. 255). No horizonte do tripé de ação da teologia: Deus - mundo - Igreja, o específico da teologia prática consiste em assumir a mediação prática entre Deus, mundo e a Igreja. Pela via da práxis, a teologia prática transita entre esses espaços como hermenêutica da ação transformadora de Deus no mundo (Hoch, 1998, p. 64).

A práxis da teologia encontra no evento Jesus Cristo a fonte primária de inspiração. Os Evangelhos deixam transparecer o quanto Jesus “era varão profeta, poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo” (Lc 24,19). As ações transformadoras realizadas pelo Filho de Deus legitimavam o seu discurso.<sup>5</sup> Jesus falava com autoridade (εξουσία), “era convincente”. E por que era? Porque as suas ações testificavam a sua condição de Messias. “As obras que eu faço em nome de meu Pai testificam a meu respeito” (Jo 10,25). No Sermão do Monte, as multidões estavam maravilhadas da sua doutrina (Mt 7, 28-29). Diferente do discurso vazio e sem autoridade dos escribas, a fala de Jesus refletia em ações concretas. Quando João, encarcerado, ouviu falar das obras de Cristo, mandou os seus discípulos perguntar-lhe se ele era o Messias enviado. Jesus responde: “Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho” (Mt 11, 2-5).

A tradição mateana afirma que a sabedoria do Filho do Homem é justificada por suas obras (Mt 11,19). O termo “obras”, neste versículo, “implicaria em que Deus prova que é justo pelos eventos da história, especialmente pela singular intervenção na vida humana feita por meio da encarnação do seu Filho” (Tasker, 1980, p. 95). A prática de Jesus orienta a teologia na missão da Igreja no mundo, formando discípulos comprometidos com ações transformadoras. As ações do Filho do Homem - como acolher os marginalizados, perdoar os pecadores, curar doentes, desafiar

---

<sup>5</sup> A palavra grega “ἔργα” é traduzida por “obras”, na língua portuguesa. É a forma plural de “ἔργον”. No grego koiné, este termo amplia o seu campo semântico para alguns significados como: trabalho, ato, ação, prova prática, realização, tarefa e outros. Cf. GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, W. FREDERICK. *Léxico do N.T. Grego/Português*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1984, p. 84.

estruturas opressoras -, oferecem um referencial ético e pastoral para o engajamento real da teologia prática.

Na articulação entre de, na, pela e para a práxis, a teologia prática se forma a partir da ação, cresce na e pela ação e amadurece *para* orientar a ação transformadora. A teologia é efetivamente prática quando se deixa ser interpelada pelas situações concretas da vida. São estas situações que iluminam o compromisso da teologia. “Além do mais, esta teologia não se faz sem um certo compromisso do(a) teólogo(a) com a práxis. Por isso, a práxis torna-se verdadeira instância crítica” (Libanio; Murad, 2001, p. 184). Teologia é feita a partir da prática real. A fé é refletida dentro das ações concretas da vida. Ela não só nasce da análise crítica da prática transformadora, mas encontra na práxis o conteúdo da sua reflexão (teologia da e na práxis). A teologia também orienta a prática. Ela busca iluminar, fundamentar e guiar as ações concretas a partir da fé cristã (teologia para a práxis) (Boff, 1978; Libanio, 2007).

## Considerações finais

“A teologia não pode, no entanto, ser reduzida apenas à dimensão prática” (Cordovilla, 2024, p. 103). Em um tempo como o de hoje, marcado por tantos pragmatismos (sociais, políticos, religiosos e outros), a teologia prática corre o risco de se converter em ideologia. O perigo se torna real quando ela se fecha em um sistema teórico-prático voltado para consolidar poder, impor uma visão monolítica da realidade e controlar as ações sociais. Ao invés de se manifestar como práticas humanizadoras, a teologia idealizada instrumentaliza a fé para justificar interesses políticos de grupos religiosos, empenhos financeiros e partidários. Esse fenômeno já ocorreu em diversos momentos da história e revelou as suas consequências danosas.

Que a história desempenhe o seu papel de mestra e que a teologia prática aprenda a discernir com ela os seus momentos. A fronteira entre a teologia acadêmica e a prática da fé é um tempo e um lugar, como vimos, para superar a falsa dicotomia entre teoria e prática e a sua polarização. Entre a teologia profissional, refletida nos ambientes acadêmicos e o exercício popular dela há “uma interseção, um enlace, uma pericorese” (Boff, 1998, p. 294), um espaço fronteiro capaz de equilibrar a “perspectiva científica com uma compreensão da teologia como sabedoria” (Cordovilla, 2024, p. 102).

O momento é oportuno para que a teologia se manifeste ao mundo como uma sabedoria prática capaz de revelar a sua dimensão pública. Ela se situa entre a confessionalidade e a pluralidade de convicções da sociedade, articulando os elementos da fé-prática com as necessidades do sujeito hodierno. Em termos práticos, pretende-se deixar a teologia ser interpelada pelas situações atuais, relevando ao mundo sua sabedoria legítima, sem medo de dizer aquilo que lhe é específico.

Em um tempo como o de hoje, carente de afeto e posturas acolhedoras, a teologia prática encontra na prática de Jesus Cristo o modelo de vida humano e humanizador. A vida prática de Jesus, narrada nos Evangelhos, convida a teologia a um tipo de conhecimento que vai para além da objetivação e análise, mas, sobretudo, para o exercício da caridade. Enquanto a ciência é o conhecimento

humano e temporal, a sapiência é o conhecimento das coisas divinas e eternas; o saber do sentido da vida. Cristo é nossa ciência e sabedoria. “É ele que implanta em nós a fé nas realidades temporais (scientia) e na verdade das realidades eternas (sapientia)”, afirma Agostinho, bispo de Hipona (Agostinho, 1995, p. 432).

## Referências

AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. Livro XIII. São Paulo: Paulus, 1995.

AQUINO JÚNIOR, F. de. Sobre o conceito “lugar teológico”. *Revista Eclesiástica Brasileira*, [S. l.], v. 70, n. 278, p. 451-453, 2010. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/1177>

AQUINO, Tomás. *Suma teológica*: vol. VII, II parte - Questões 123 - 189, 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*: texto integral. São Paulo: Editora Martin Claret, 2007.

BERNARDI, José; JÚNIOR, Iracy Ferreira dos Santos. Carlos Mesters: contribuições para a caminhada da Igreja no Brasil. In: PASSOS, Mauro; CABRAL, Newton D. Andrade; SANCHEZ, Wagner Lopes. (Orgs.). *Profetas e místicos em terra brasileira*. São Paulo: Paulus, 2023. p. 39-66.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. 2.ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

Bíblia Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 157-195.

CANO, Melchor. *De locis Theologicis Libri duodecim*. Salmanticae, 1563.

CORDOVILLA, Ángel. *O exercício da teologia*: introdução ao pensar teológico e às suas principais figuras. Petrópolis: Vozes, 2024.

COUTO, Mia. Repensar o pensamento, redesenhando fronteiras. *Fronteiras*. Disponível em: <https://www.frenteiras.com/leia/exibir/mia-couto-repensar-o-pensamento-redesenhando-fronteiras>

CUNHA, Carlos. *Paul Tillich e a teologia pública no Brasil*. São Paulo: Garimpo Editorial, 2016.

DRAWIN, Carlos Roberto. A modernidade trágica. In: GUIMARÃES, Joaquim Giovani Mol et. al. (Orgs.). *O novo humanismo*: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco. São Paulo: Paulus, 2022.

DUQUOC, Christian. *A teologia no exílio*: o desafio da sobrevivência da teologia na cultura contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2006.

DUSSEL, Enrique. *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1993.

- FERNANDES, Clemir. O tamanho institucional da Religião no Censo do IBGE, 2024. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/o-tamanho-institucional-da-religiao-no-censo-do-ibge>
- FLORISTAN, Casiano. *Teologia practica: teoria y praxis de la accion pastoral*. 3ª ed. Ediciones Sigueme Salamanca, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 5ª. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos oprimidos*. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, W. FREDERICK. *Léxico do N.T. Grego/Português*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1984.
- HOCH, Lothar Carlos. O lugar da Teologia Prática como disciplina teológica. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998. p. 21-35.
- HOCH, Lothar Carlos. Reflexões em torno do método da teologia prática. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998. p. 63-78.
- HOCH, Lothar Carlos. Teologia pastoral. In: BORTOLLETO, F. (Org.). *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.
- LIBANIO, J.B. Apresentação. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998. p. 4-14.
- LIBANIO, J.B. *Em busca de lucidez*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- LIBANIO, J.B. Teologia em relação dialética com a práxis. In: SILVA, Sérgio Pereira (Org.). *Teoria e prática*. Goiás: UFG, 2007. p. 22-36.
- LIBANIO, J.B.; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques e tarefas*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- LOEWENICH, Walter von. *A teologia da cruz de Lutero*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1988.
- LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. Vol. 1. São Leopoldo: Ed. Sinodal; Porto Alegre: Concórdia Editora, 1987.
- MACEDO, Edir. *A libertação da teologia*. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1993.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MELANCHTHON, Filipe. *Loci theologici: tópicos teológicos, de 1521*. São Leopoldo: Sinodal, 2018.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Currículo teológico básico. In: ANJOS, Márcio Fabri dos. (Org.). *Teologia: profissão*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa. (Orgs.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

MESTERS, Carlos. *Flor sem defesa: uma explicação da Bíblia a partir do povo*. Petrópolis: Vozes, 1983.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, 2008.

MIGNOLO, Walter. Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad. CIDOB y UACJ, 2015.  
[https://www.cidob.org/es/publicaciones/serie\\_de\\_publicacion/interrogar\\_la\\_actualidad/habitar\\_la\\_frontera\\_sentir\\_y\\_pensar\\_la\\_descolonialidad\\_antologia\\_1999\\_2014](https://www.cidob.org/es/publicaciones/serie_de_publicacion/interrogar_la_actualidad/habitar_la_frontera_sentir_y_pensar_la_descolonialidad_antologia_1999_2014)

MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. Cinco mal-entendidos sobre a teologia prática. In: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 191-449, jul./dez. 2016.

MOOG, François. Avant-propos - Le "Groupe de Santiago". In: MAZZINI, Marcela; MOOG, François. (Orgs.). *Recherches en théologie des pratiques pastorales I: Groupe de Santiago - Séminaire international permanent de recherche en théologie des pratiques pastorales*. Disponível em: <https://www.pastoralis.org/acte-n-8-recherches-en-theologie-des-pratiques-pastorales-groupe-santiago-7-11-avril-2014-dir-m-mazzini-et-f-moog/>

MORA, Alberto Parra. De camino a la teología de la acción. *Theologica Xaveriana*, vol. 63, n. 175, enero-junio 2013. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/teoxaveriana/article/view/9319/7575>

MORI, Geraldo De. O percurso da Teologia na História e sua interlocução com a Igreja. *Faculdade Jesuíta*. Disponível em: <https://faculdadejesuita.edu.br/o-percurso-da-teologia-na-historia-e-sua-interlocucao-com-a-igreja/>

NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM, 1999.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina, CLACSO, 2005. Disponível em: [http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf)

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito do cristianismo*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

RAHNER, Karl. Practical Theology within the Totality of Theological Disciplines. In: RAHNER, Karl. *Theological Investigations*. Trad. Graham Harrison. New York: Herder and Herder, 1972. v. IX.

RIVAS, Eugenio. El 'tiempo teologal': más allá y más acá del 'lugar teológico'. In: Congresso Internacional Sociedade de Teologia e Ciências da Religião, 31. ed., 2018, Belo Horizonte. *Anais do 31º Congresso Internacional da SOTER: Religião, ética e política*. Belo Horizonte: SOTER, 2018. Edição digital, v. 1. p. 26-31. Disponível em: <http://www.soter.org.br/anais/31.pdf>

SÁNCHEZ HERNÁNDEZ, Olvani F. El proyecto de una Teología de la Acción Humana en la Pontificia Universidad Javeriana. In: MAZZINI, Marcela; MOOG, François. (Orgs.). *Recherches en théologie des pratiques pastorales I: Groupe de Santiago - Séminaire international permanent de recherche en théologie des pratiques pastorales*. Disponível em: <https://www.pastoralis.org/acte-n-8-recherches-en-theologie-des-pratiques-pastorales-groupe-santiago-7-11-avril-2014-dir-m-mazzini-et-f-moog/>

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Introdução. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998. p. 15-18.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Reflexões finais: perspectivas da teologia prática no Brasil e na América Latina. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998. p. 321-332.

SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Daniel. Por trilhas e rumos ecumênicos: alguns caminhos para o diálogo inter-religioso. In: SOUZA, Daniel; PEREIRA, Nancy Cardoso. *Ecumenismo: um grão de salvação escondido nas coisas do mundo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

SZENTMÁRTONI, Mihály. Introdução à teologia pastoral. 2ª. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

TASKER, R. V. G. *Mateus: introdução e comentário*. Série Cultura Bíblica, v. 1. São Paulo: Mundo Cristão, 1980.

TILLICH, Paul. *On the boundary: an autobiographical sketch*. New York: Charles Scribner's Sons, 1966.

TILLICH, Paul. *The Future of the Religions*. New York: Harper & Row Publishers, 1966.